
Que se faça ver: os rastros do desaparecer em fotografias da ditadura argentina¹

Isabela de Souza Vilela²

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

O seguinte artigo investiga a obra *Desapariciones* (2016), da fotógrafa argentina Hellen Zout, em que fotografias de arquivo e contemporâneas da última ditadura civil-militar argentina (1976-1983), mesclam-se para avistar os esquecimentos e apagamentos na co-memoração da história ditatorial. A partir dos apontamentos dos temas que constroem a narrativa da obra, como a referência a assassinatos, torturas e, em especial, aos desaparecimentos ocorridos nos espaços retratados, examina-se como essas fotografias expõem os rastros do modo de operação estatal no fazer desaparecer ditatorial. Observa-se aqui como as imagens, sob a luz do presente democrático, agem como ferramentas de reparação e ressignificação, a partir da dimensão histórica e mnemônica do passado ditatorial.

PALAVRAS-CHAVE: Argentina; Ditadura; Fotografia; Memória.

INTRODUÇÃO

Entre os anos 1960 e 1970 a América Latina sucumbiu a dezenas de ditaduras, civis e/ou militares, que marcaram o cenário do continente. Ainda que por motivos muitas vezes próximos, como as inúmeras crises políticas, econômicas e sociais a que cada nação estava submetida, diferentes foram os mecanismos utilizados por cada país durante seus governos autoritários. Apesar de já ser um dispositivo usado por governos anteriores, foi somente a partir de 24 de março de 1976 que a Argentina “implantou o desaparecimento forçado de pessoas como metodologia sistemática por meio de um plano elaborado pelo Estado e tendo o centro clandestino como principal dispositivo” (*El Nunca Más*, 1984, p.22, tradução minha)³, culminando nos cerca de 30 mil mortos e 8.960 desaparecidos vitimados no decorrer dos 7 anos, segundo dados do relatório *El Nunca Más*.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista, mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFOP). Email: vilelisabela@gmail.com

³ “[...] se implantó la desaparición forzada de personas como metodología sistemática mediante un plan diseñado desde el Estado y con el centro clandestino como su principal dispositivo”, no original.

Como parte do “fazer desaparecer”, os mais de 300 Centros Clandestinos de Detenção espalhados por todo o país tornaram-se peça chave para entender e provar o mecanismo símbolo da ditadura no país latino. Essas construções, propriedades públicas ou privadas, eram utilizadas para encarcerar, geralmente de modo ilegal, opositores políticos ao Estado, tornando-se o local em que muitos deles foram vistos pela última vez, ao serem submetidos a “condições extremas de detenção: tortura física e emocional, isolamento, maus-tratos, pouca comida, pouca água, higiene mínima” (ARGENTINA, *on-line*, tradução minha)⁴.

É a partir dessa visada que este artigo⁵ examina como as fotografias da obra *Desapariciones* explicitam o fazer desaparecer enquanto processo sistematizado do governo militar que deixa resquícios na história e no território argentino atual. Unidas sob uma mesma perspectiva histórica e artística - com o uso do preto e branco e com diferentes intervenções estéticas, como longa exposição e desfoque - novos significados são produzidos através de fotografias de arquivos pessoais e judiciais, assim como são expostas as consequências vivenciadas já no século XXI da ditadura a partir de fotografias de locais e pessoas ligadas ao período. Na união das temporalidades, *Desapariciones* aponta para a continuidade de violências, agora simbólicas, do regime ditatorial e as lacunas na produção da memória coletiva do país.

A DITADURA APROPRIADA EM *DESAPARICIONES*

Dentre desaparecimentos de vítimas, documentações e espaços, o uso da fotografia se destaca como ferramenta de re-memoração e re-criação de narrativas apagadas pelo próprio Estado durante os anos de ditadura e negligenciadas, muitas vezes, nos anos que a sucederam. Assim como em outros países e contextos, as fotografias tiradas durante a ditadura iniciada em 1976 na Argentina foram, em sua maioria, destruídas pelas mãos daqueles que enxergavam seu imenso potencial testemunhal. Ainda que escassas, esses “restos” e rastros (DIDI-HUBERMAN, 2012) historiográficos, continuam sendo importantes ferramentas de estruturação do que se

⁴ “[...] a condiciones extremas de detención: torturas físicas y emocionales, aislamiento, malos tratos, escasos alimentos, poca agua, mínima higiene”, no original.

⁵ Este artigo é derivado do pesquisa “A ditadura apropriada em *Desapariciones*: anacronismos e ressignificações de fotos assimiladas para co-memorar os regimes militares latino-americanos”, coordenado pela professora Ana Carolina Lima Santos e financiado pelo Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP-UFOP), entre março e outubro de 2021.

conhece como justiça transicional, mobilizando temporalidades pretéritas que se recompõem e se apresentam no presente.

Também sobrevivente do período ditatorial, Helen Zout reapropria-se de locais e objetos responsáveis pela repressão e faz com que tantos outros sobreviventes diretos e indiretos, também o façam. Formada por 25 fotografias em preto e branco, *Desapariciones* aproxima histórias no passado, através de fotografias de arquivos, e fatos no presente, com fotografias tiradas por si, narrando passagens da última ditadura argentina. Tornando visível e material as precariedades da construção do senso de coletividade histórica, as fotografias que compõem o trabalho agem de forma cíclica, remontando os eventos ocorridos nos anos de ditadura através da aparição no presente de locais, objetos e personagens. A potência indicial das fotos atrelada ao fazer que toma, também, a memória individual na construção da coletiva, tornam a obra desobediente aos mandatos estabelecidos pelas memórias canônicas.

Dos inúmeros modos de classificação, leitura e interpretação, *Desapariciones* explicita o contexto do *modus operandi* do Estado ditatorial: o fazer desaparecer. Através das fotografias, as ferramentas utilizadas para a perseguição, sequestro e morte das vítimas são apresentadas, evidenciando a sistematização e organização do aparato ditatorial, como os espaços de desaparecimentos, a partir de imagens de antigos Centros Clandestinos de Detenção, cemitérios e locais de desova de corpos, além das fotografias dos sujeitos vitimados, de modo direto ou não. Como instrumento visual narrativo, Zout recorre a duas ferramentas estéticas que, além do próprio tema, dão unicidade ao trabalho: o uso de diferentes tonalidades de preto e branco e a sensação de movimento que perpassa grande parte das fotografias.

A CAPTURA DO FAZER DESAPARECER

Subvertendo temporalidades, a artista mostra o que não se queria mostrar; o “fazer desaparecer” aparece nas imagens apontando seus modos de execução. Seja através de sequestros, queima de arquivo e desova de corpos nos voos da morte, a documentação destes crimes ou objetos utilizados para tal, mostram-se nas fotografias feitas e/ou curadas por Zout, ilustrando os horrores da época. Em *Desapariciones*, a artista traz ao presente vivências e relatos pessoais documentados através da impressão fotossensível, tirando do isolamento do arquivo

importantes aparatos sociais.

Um destes aparatos surge na história e nos relatos de Jorge Julio López, fotografados por Zout no período democrático. Mesmo após dois episódios de desaparecimento, um durante a ditadura (1976) quando ficou 6 meses tido como desaparecido e liberto depois de 2 anos encarcerado na Comissariada Arana, e novamente vítima do desaparecimento quando, em 2006, após prestar depoimento no Tribunal Nacional reconhecendo e delatando o general Miguel Etchecolatz e outros 14 outros repressores do período, nunca mais foi visto. Na procura por pistas durante o último sequestro, o filho de López encontra uma série de escritos e desenhos feitos pelo seu pai no decorrer de quase 20 anos, descrevendo e ilustrando fatos, personagens e locais que havia visto e passado durante os anos de cárcere na ditadura. Um desses desenhos testemunhais foi fotografado por Zout, passando a compor *Desapariciones*.

Se o sequestro apresenta-se na fotografia dos arquivos de López, outra etapa do “fazer desaparecer” apresenta-se a fotografia da aeronave militar, ancorados pela estética de dinamismo a que estas imagens estão submetidas. Comum às ditaduras do Cone Sul, as aeronaves que guiavam os conhecidos “voos da morte”, foram máquinas amplamente usadas no território para fazer desaparecer, através do despejo de corpos, vivos ou mortos, nos ares acima de mares e rios, como o Rio da Prata. Transitando temporalmente, a réplica da aeronave fotografada por Zout, já nos anos 2000 no agora Museu Aeronáutico, traz à tona sensações e percepções daqueles que tiveram suas vidas ceifadas nos ares. Através da dimensão estética, a inclinação de captura da imagem, o plano fechado que dá a ver apenas até as paredes do avião, a falta de poltronas e o movimento impresso no borrão/tremido da imagem, retoma o que pode ter sido a visão dos agora desaparecidos.

O desaparecimento é infindável nas imagens de Zout tiradas já no século XXI, no qual a perpetuação do luto é acentuada pela falta de respostas que transpassam as fotografias. Em uma das fotografias que trazem o Rio da Prata para o enquadramento, Zout nos dá pistas desta dor infindável. A temática familiar, que também perpassa outras fotografias da obra, retoma algo caro às mulheres argentinas, validado pelas Mães e Avós da Praça de Maio. Tal representação traz novamente à tona a atemporalidade histórica e fotográfica: ainda que os desaparecimentos tenham ocorrido entre os anos 1970 e 1980, a busca por respostas ainda se faz presente. Mirando

para o horizonte do futuro, ao mesmo tempo em que olham para o último lugar em que o filho esteve no passado (ainda que de modo forçado), Sara e Jaime Steimberg tornam-se o elo no presente das partes desta narrativa.

No que seria o último local de desaparecimento do sujeito, a bancada de exumação, como mecanismo de comprovação e testemunho dos crimes cometidos no período, retornam, ainda que sem vida, os corpos à luz do aparecimento. Passado e presente coexistem sobre a mesa do médico legista, escancarando que a ditadura não acabara com os dizeres de seu fim. No contraste luz e sombra, Zout aborda na fotografia da exumação também a dualidade vida e morte que percorre toda a obra. Na ausência do corpo/sujeito desaparecido, a representação de parte de sua história se dá pelos objetos do desaparecimento, locais e memórias afetivas de familiares e sobreviventes, une o antes, durante e depois do desaparecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hellen Zout ressignifica a narrativa da ditadura argentina, produzindo novas temporalidades. Colocadas juntas, as fotografias por ela tiradas ou selecionadas a partir de arquivos estatais, apresentam uma nova perspectiva histórica sobre o período ditatorial e a retomada democrática. A sistematização dos desaparecimentos forçados apresentam-se nas imagens que compõem *Desapariciones*. Ainda que não sejam apresentadas em ordem cronológica, os acontecimentos referenciados nestas fotografias mostram o modo de operação desta máquina do horror que ainda não parou de funcionar definitivamente, ultrapassando os supostos marcos de encerramento do período ditatorial, sobretudo em termos memorialísticos. Nas convergências e divergências, transitoriedades e imutabilidades, efemeridades e permanências, a obra transmite as lacunas no fazer mnemônico nacional, ainda que as memórias individuais estejam por todo ocupadas.

Na procura por parte dos fragmentos históricos e memorialísticos, a fotógrafa escreve (ou traz à luz) uma nova narrativa. Na dicotomia do superar e do co-memorar a história ditatorial, grande parte dos locais utilizados para o fazer desaparecer, desde estruturas públicas à privadas, tiveram esvaziados seus potenciais probatórios, históricos e culturais, se perdendo no limbo burocrático. Mas, mesmo que momentaneamente, parte deste espaço é recuperado na produção

fotográfica de Zout que reencena algumas das histórias ali ocorridas, com a presença daqueles que passaram dias, meses e até anos presos nos locais ou dos familiares de quem tem esses centros como último registro de presença.

Desapariciones rompe as fronteiras do ambiente privado, apresentando suas consequências num contexto coletivo. Fazendo aparecer sujeitos, cenários e histórias, a obra potencializa a ocupação das lacunas deixadas pela ditadura que ainda ressoam nos dias atuais. Na união entre temporalidades, ressignificações e subversões, Zout rompe também os limites individuais da memória, em um trabalho de construção e fomento da memória coletiva ditatorial argentina a partir das lacunas presentes no território e na vivência cotidiana do país latino. No co-memorar, a fotógrafa aponta para os resquícios de diversas histórias marginalizadas e invisibilizadas que juntas, contam uma parte fundamental da história de uma nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGENTINA. Sítios de memória. Disponível em <https://www.argentina.gob.ar/derechoshumanos/sitiosdememoria/centrosclandestinos>. Acesso em 22 jun. 2024.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 206–219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 22 jun. 2024.

El Nunca Más y los crímenes de la dictadura. Cultura Argentina, 1984.

FORTUNY, Natalia Soledad. Memorias fotográficas: imagen y dictadura en la fotografía argentina contemporánea. - 1ª ed. - Buenos Aires : La Luminosa, 2014.

HELLEN ZOUT FOTOGRAFIA. Disponível em <http://www.helenzout.com.ar/index.html>. Acesso em 22 jun. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 43, p. 13-34, jan./jun. 2014.